ANO 9.º — Sexta-feira, 19 de Janeiro de 1916 — (AVENÇA) — Numero 456

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
——(*)——
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—**Aveiro**

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

As ameaças germânicas

——(*)——

Como é sabido, a Alemanha, em meados de dezembro ultimo e alegando, numa sinistra hipocrisia, o horror que lhe causava a continuação da guerra—a ela, á nação scelerada, que, deliberadamente, a preparou e desencadeou!—propoz aos aliados o entabolamento de negociações de paz.

Com a fóme a dilacerar-lhe as entranhas, tendo-lhe falhado todos os grandiosos objectivos do início das hostilidades, reconhecendo que produziu, sob o ponto de vista militar, o maximo esforço que lhe era dado e sabendo perfeitamente que da continuação da guerra só tem a esperar a derrota—sorria-lhe a esperança de arranjar, nesta altura do conflito, uma paz alemã, uma paz *made in Germany*, uma paz cozinhada ao gosto do paladar teutónico.

Os lineamentos dêsse fantasioso edifício da *paz alemã* não chegaram, na integra, ao conhecimento dos adversarios dos imperios centraes. Todavia, parece que dêle faziam parte uma Belgica e uma Polonia independentes, mas englobadas no imperio alemão, algumas amputações na França e na Russia e a partilha da Servia e da Romania entre a Austria e a Bulgária. Em resumo: uma paz ao gosto de Berlim e de Viena, afrontosa, barbara, canibalesca e da qual o imperio alemão sairia triunfante, engrandecido e mais disposto que nunca a perseverar nos delirios monstruosos e sangrentos do pangermanismo.

Sedutora perspectiva, na verdade...

Tendo os aliados, coerentemente, repelido semelhantes tentativas de paz, a Alemanha, dando largas aos atávicos instintos de selvageria e de bestialidade, desentranha o seu furioso despeito em monstruosas, atrozes ameaças.

Já que os aliados não querem a paz, a magnânima paz que ela generosamente, por puro espirito humanitario e por horror ao sangue, lhes oferece, vae ser o fim do mundo... Vão vêr-se coisas estupendas...

Toda a infinita série de atropelos, de tiranias, de inclassificaveis infamias e de infamissimos crimes, até agora perpetrados pelos germanos, nada será em comparação com as atrocidades inéditas, os nunca sonhados barbarismos com que a Alemanha, a culta e generosa Alemanha, se propõe assombrar a humanidade e subjugar, aterrando-os, os aliados.

Países neutros invadidos, tratados equiparados a farrapos de papel, cidades, vilas e aldeias saqueadas e incendiadas, feridos massacrados, balas explosivas, gazes asfixiantes, pilhagens, fuzilamentos em massa, assassinatos e violações de mulheres e de creanças, ataques aereos a cidades abertas, torpedeamentos sem aviso prévio, redução á escravidão das populações das regiões ocupadas, péssima alimentação e peor tratamento dados sistematicamente aos prisioneiros militares, permanentes e inumeras infracções de todas as normas e leis da guerra entre nações civilisadas e até dos mais rudimentares principios humanitarios, etc., etc., tudo isto, todas estas abominações nada serão confrontadas com as jámais vistas surprezas com que, em materia de selvageria, a *douta* Alemanha se propõe espantar o mundo, castigar as nações rebeldes aos *beneficios* duma bem manipulada *paz alemã* e cobrir-se de vergonha eterna.

Tudo isto, que é muito, nada será ao lado dos incriveis horrores que, em seus sinistros delirios sanguinarios, a alma alemã sonha pôr em prática, fazendo tábua raza de todos os preceitos do direito internacional, de todos os tratados, de todas as convenções e, até, dos mais elementares sentimentos humanos e fazendo descer a patria de Kant, o idealista sonhador da paz perpetua, cujo *programa* traçou, abaixo duma tribu de repulsivos antropófagos!

Nesta ordem de ideias, ou antes, neste absoluto desprezo de todos os sentimentos proprios da especie humana, vae já a imprensa alemã anunciando que, se os aliados não quizerem a paz, a guerra passará, em represália, a ser conduzida, da parte dos imperios centraes, com inexoravel crueldade e com completo desprendimento de todas as regras usadas nas lutas entre potencias civilisadas.

Será torpedeado sem aviso prévio tudo o que ousar navegar sobre as aguas dos mares, declaradas interditas pelo govêrno de Berlim; as aeronaves alemãs bombardearão, sem misericordia, quantas cidades inglesas e francêsas lograrem alcançar; e, para cumulo da atrocidade, aeroplanos e dirigiveis arrojarão das alturas, sobre as populações pacíficas dos países adversos, os germens das mais devastadoras enfermidades, das mais terriveis epidemias, da febre tifoide, do colera e não sabemos se, tambem, da peste.

Eis o satânico sonho de exterminio engendrado pelas mentes alucinadas dos dirigentes do povo alemão. E, para que os aliados se capacitem de que é impossivel continuarem opondo resistencia eficaz ás hordas germânicas, vae-se-lhes anunciando a descoberta de um aparelho de infaliveis resultados na destruição de trincheiras.

Que haverá de verdade em todo este côro de ameaças? Ousarão, na realidade e passando de palavras a factos, os alemães pô-las em prática?

Capazes disso são eles, porque são capazes de tudo... Mas não sabemos. O que, porém, sabemos é que, sendo a guerra como que um duelo gigantesco, que deve desenvolver-se dentro dum conjunto de regras fixadas em numerosas convenções, desde que um dos contendores, procedendo deslealmente, calca essas regras e lança mão de meios proíbidos, fica o outro, implicita e legitimamente, autorisado a servir-se dêsses mesmos meios.

E, certamente será o caminho por onde os aliados enveredarão. Tratar bandidos humanitaria e generosamente será muito digno, muito nobre e mesmo muito bonito, no campo da teoria; mas, no da prática, é quasi sempre, senão sempre, pelo menos contraproducente.

COISAS NOSSAS

Reuniram um destes dias os alunos do Curso Elementar do Comercio para ser tratado o assunto que no numero passado abordámos com o titulo da epigrafe e que é de capital interesse para eles.

No *Democrata* da proxima sexta-feira voltaremos a ocupar-nos do que se nos afigura ser de uma alta necessidade resolver quanto antes.

ÁLERTA!

Com o mesmo titulo, transcrevemos do ultimo numero do conceituado colega valenciano *A Plebe*:

No domingo esteve nesta vila um celebre conspirador de Aveiro, tendo tido um conciliabulo secreto com várias pessoas entre as quaes... um padre! Daqui seguiu para Tuy, onde vários monarquicos aguardavam as noticias que ele lhes levava, e ficaram radiantes quando lh'as deu...

Então eles ainda mexem?

Se o sr. governador civil e comissario de policia o sabem...

E mais censor!

VÃO TOMANDO CONTA:

Amanuense do governo civil......	o Chico
Secretario da Estatistica..........	o Chico
Administrador do concelho........	o Chico
Comissario de policia................	o Chico
Membro da comissão Municipal do P. R. P..........................	o Chico
Secretario da comissão distrital do P. R. P................................	o Chico
Membro da comissão de censura preventiva á imprensa...........	o Chico

Quer dizer: o Chico faz tudo. Se ele não existisse tê-lo-iam certamente de inventar para sustentaculo das instituições em Aveiro e exemplo vivo da moralidade que nesta terra parece ter refinado depois da implantação da Democracia em Portugal.

E ainda ha quem não veja com bons olhos o espirito de sacrificio do Chico, que por 981 escudos, *apenas*, quasi tanto como o que recebe o sr. governador civil pelas suas tres visitas semanaes, se obriga a uma série de *flutuações* tão completa, constante e complicada!

Maldosos!...

NO CONGRESSO

O Regulamento da Ria de Aveiro

e a interpelação do sr. dr. Brito Guimarães

Dos jornaes de Lisboa, em que o extracto das sessões parlamentares aparece com mais desenvolvimento, foi *O Mundo* o que relatou mais detalhadamente a interpelação dirigida na câmara dos deputados ao sr. Ministro da Marinha ácêrca do Regulamento da Ria de Aveiro e dos actos da Capitania do porto, na sessão de 10 do corrente, pelo sr. Brito Guimarães, deputado por este circulo.

Sentimos não ter lido o orgão do *unionismo*, ou um extracto dessa interpelação confirmado pelo autor, para nem perdermos palavras e tempo, nem incorrermos na possibilidade de apreciações menos justas. Crêmos porêm no relato do *Mundo*, e segundo ele, o sr. Brito Guimarães começou por dizer que no Regulamento da Ria havia disposições iniquas, e que elas deviam ser imediatamente revogadas *porque tem dado logar a muitas reclamações e conflictos*.

O sr. Brito Guimarães é um homem de fino trato, um dos mais queridos professores do nosso Liceu, para quem não podemos ter qualquer proposito hostil e que, compreendendo muito bem as circunstancias em que o silencio é de oiro, sem duvida alguma devia ter sentido algum embaraço em pôr a sua palavra de prata ao serviço de afirmações que não poude provar imediatamente.

S. Ex.ª é bacharel em sciencias, o que quer dizer homem de educação mental positiva, e decerto mais que ninguem deplorou no seu intimo ter de soltar tal grito de guerra contra um diploma da especial competencia de naturalistas, sem bases, sem apresentar um unico argumento scientifico em pról das suas afirmações. Mas nós esperamos ainda da probidade scientifica do sr. Brito Guimarães, que ele se dignará estabelecer, sem tardança, quaes as bases scientificas do novo regulamento em que não devem aparecer as pretendidas iniquidades.

Lamentamos profundamente que, dada a especial competencia de S. Ex.ª, a discussão deste caso não tomasse logo no nosso parlamento a elevação e o caracter scientifico, que ha anos tomou questão identica no parlamento italiano.

Se todas as disposições legaes que dérem logar a reclamações e conflictos, devessem só por esse facto ser revogadas, a aceitar tal hermeneutica podiamos mesmo chegar a abolir a Republica, onde S. Ex.ª tem especial relêvo como homem politico.

Não basta, sr. Brito Guimarães, constatar a existencia de reacções mais ou menos violentas; ha primeiro que vêr e que discutir. O contrario só o praticaria uma administração frouxa que tratasse não de resolver problemas, mas de os evitar, evitando os conflitos de interesses que pódem prejudicar o predominio deste ou daquele.

Nós cremos que, quando um dia um ministro da marinha, interpelado no parlamento a proposito da ria de Aveiro, se lembrar de o ilucidar duma vez para sempre, lendo o *dossier* que sobre o assunto existe no respectivo ministerio, a questão terá dado o seu ultimo alento. A rêde de baixezas politicas, de torpezas de uma administração imoral, a quem este assunto serviu de habitual processo de corrupção, seria posta tão em evidencia que os seus espiritos honestos e equilibrados, como o do dr. Brito Guimarães, por exemplo, não tentariam sequer aproximar-se delas.

A historia da ria é simples, snr. dr. Brito Guimarães.

A questão economica, que é o estabelecimento de uma exploração ordenada deste magnifico estuario, serviu sempre maravilhosamente os caciques da monarquia para fins proprios das suas aptidões. Recordamos neste momento o indecoroso espectaculo, que nos foi dado presenciar ha perto de trinta anos: Alguem tentára com qualquer disposição regulamentar reprimir as devastações da chusma ignorante e miseravel que, como sempre, reclamou porque tinha fóme. Interveio o cacique que conduziu a Lisboa a comissão do costume perante o rei e o seu ministro; a disposição foi revogada e, quando no comboio da noite chegaram á estação o cacique e os representantes da chusma, esta, já bem avinhada, rompeu em estrondosas aclamações ao rei, ao seu ministro, que faziam o que o povo queria; ao cacique que pastoreava o rebanho, e á mistura alguns vivas a Periapo tão calorosamente correspondidos, que nos poderiamos supôr nas ruas de uma cidade dedicada ao culto de Venus... E durante mais quasi trinta anos a chusma continuou a padecer fóme e a devastar. Nem as afirmações de esse belo e lucido espirito que foi Edmundo Machado, que nunca pôz o seu saber ao serviço de rabulices politicas, poderam ter mão na devastação sistematicamente organisada!

Se uns se enchiam da propriedade á custa do dominio publico—quando é que a auctoridade, a ordem, a policia podem convir a taes figurões?!—os outros exploravam em horda, a torto e atravez, exauriam a cousa social com a inconsciencia de seres primitivos, explorados na sua ignorancia pelos primeiros. Tal era, sr. doutor, o regimen social na ria de Aveiro com a acquiescencia do rei, do seu ministro e do cacique *para fazerem a vontade ao povo*.

A Republica, cuja bandeira se desfraldou em Aveiro pela mão do sr. Ribeiro de Almeida, então capitão do porto, e hoje correligionario do sr. Brito Guimarães, tentou modificar este vergonhoso estado de coisas. Foi o proprio sr. Ribeiro de Almeida, funcionario integro e inteligente, que tomou a iniciativa dos trabalhos preparatorios para essa tentativa, e só devemos honra-lo por isso. Desde 1868 que todos os espiritos cultos, alheios á corruptéla politica, reclamaram uma acção *imprescindivel e urgente*, taes são as suas expressões, para pôr côbro a tal estado de coisas. O cacique, um momento amedrontado com a queda do seu rei e do seu ministro, recolheu á obscuridade da toca; os gasofilantes de leitos e margens emudeceram, e a selecção do que exploravam os productos entrou a fazer-se a passos largos, com bases scientificas.

Desapareceu a chusma, a horda, e aparece a organisação em classes que não tardarão a associar-se espontaneamente para manter a condição essencial da sua prosperidade: a ordem na exploração. Defeniram-se as industrias constituiu-se portanto o proletariado.

A peçonha só acaba quando morre o bicho e nós ainda tivemos na dictadura *Pimenta de Castro*, quando o cacique saíu novamente da toca, nédio, anafado e quasi episcopal, num delirio de poder apetecido e recobrado, uma amostra dos seus maleficios. Posto que desta vez tivessem sobeja explicação os vivas a Periapo, não chegaram aos nossos ouvidos. Mas os beneficios eram já tão evidentes, que os que dispunham dos favores do poder apenas conseguiram obter o favor miserrimo de um cartão de visita sem significação alguma, o que nos leva a ter a lisongeira esperança de que emquanto estiver no poder qualquer partido da Republica, tudo se passará no melhor dos mundos, sem damno para a obra de regeneração economica da ria, que é uma das melhores da administração republicana.

Mas afinal, sr. dr. Guimarães, quem é que brâma, que se insurge?

Sabe-o muito bem V. Ex.ª, que decerto não deseja vêr terminada a sua carreira politica com a presente legislatura, e que decerto prescinde que nós lho digamos aqui. Quem não deve ser são os que foram beneficiados, os que legitimamente ficaram em campo, dentro da exploração racional e ordeira, o verdadeiro pescador—*o que exerce a arte*—e que dantes, numa faina semanal, angariava com a sua companha a fabulosa retribuição de tres escudos e hoje consegue seis por noite, sem contar os extraordinarios de 20 ou 30 em um só lanço.

Está bem de vêr que este proletariado ainda pequeno e fraco, na infancia da organisação, saído agora de uma longa noite de opressão, mal acreditando ainda nos direitos que a lei lhe

reconhece, temendo até a confissão dos beneficios recebidos para não concitar contra si o mal querer do cacique e a vingança do depredador, não se apresenta por si mesmo. O problema continua delicado para o proteger, e ainda por bom tempo, porque a reacção é persistente e é solerte, menos tôla do que muita gente pensa, sabe aproveitar os pontos fracos e fazer jogo baixo a ponto de ser capaz de eleger um deputado republicano, mesmo que no intimo o deteste. Ele sabe muito bem que, quando a ria fôr explorada por um proletariado consciente, ao passo que nela aparecerão mais tainhas e sôlhas, o genero especial de *tubarão*, que a devora aos hectares, não terá mais condições de vida.

Disseram ainda alguns jornaes que o sr. Brito Guimarães pediu um inquerito aos actos da capitania. A nosso vêr esse pedido, puro e simples, foi a unica coisa boa que a palavra de prata de S. Ex.ª formulou, já que não poude transformar-se no oiro do silencio. O ilustre deputado passou depois ao caso de Salreu, perguntando ao sr. Ministro da Marinha que providencias tinha tomado para saber se houve excessos da parte da capitania, ou dos seus agentes, ou de quem quer que fôsse!

Quando toda a gente nesta região soube da brutal selvageria ali havida, logo presumiram, os que pódem ter opinião sobre o assunto liberta de influencias politicas de qualquer natureza, e de odios pessoais, que o unico procedimento a seguir em tal caso estava claramente indicado nas leis votadas pelo mesmo parlamento a que S. Ex.ª pertence, sem que houvesse necessidade da intervenção especial do Snr. Ministro da Marinha para descriminar responsabilidades. O Decreto Marcial que manda julgar militarmente tais casos é de cinco de maio de 1916, e elaborado pelo executivo em harmonia com a lei n.º 491 de 12 de março de 1916; e ou o snr. Brito Guimarães votou esta lei ou não votou, mas, em qualquer dos casos, deputado como é, cuidadoso da *res publica* não deixou de vêr no *Diário do Governo* qual o uso feito da referida lei.

Logicamente, sabendo S. Ex.ª que a justiça militar é desde a instrução preliminar do processs até final tão independente como o poder judicial, e que lhe compete averiguar das causas do crime e de todas as circunstancias em que foi praticado, nada tinha que perguntar ao Snr. Ministro, visto que este nada lhe podia responder, a não ser ácerca das providencias tomadas para manter a ordem.

Nós queremos acreditar que o snr. Brito Guimarães não é sectario da nova doutrina juridica militar estabelecida por certa faculdade de direito dos lados da Murtosa, almorreima irredutivel de qualquer das faculdades de direito com existencia legal, segundo a qual a capitania era parte no processo militar!

— Mal empregado pão que eles comem; mais valia dá-lo a um cêrdo!— bradava o bom, posto que rude, padre Soares, referindo-se aos alunos refractarios á regra da gramatica.

Quanta justiça este conceito encerra, aplicado a todos os que vivem neste lindo rincão para falsear a regra da justiça, e salpicar com a sugidade da sua ignorancia os que meditam e trabalham apenas estimulados pelo sentimento do dever.

O snr. Brito Guimarães ha-de lamentar, quando melhor informado, o ter sido injusto para com alguns honrados marinheiros, enxovalhados quando cumpriam apenas o seu dever com a maior serenidade e prudencia. Mas sobre tal assunto não diremos mais; pódem acusar-nos de querer indispôr S. Ex.ª com a fôrça naval.

Lamentou em seguida S. Ex.ª haver-se chegado ao extremo de suspender jornais. Quanto a este ponto, apesar de provincianos charros, não ignoramos sêr da peça, sêr elegante, não levar uma oração ao fim no parlamento sem um condimento bem picante de ironia, especie de clarău oratorio, excitante para o paladar dos *gourmets* do genero. Perdôe o snr. Brito Guimarães; não apreciamos.

Para epilogo escolheu S. Ex.ª o conhecido processo dos juncos da Bestida, que está correndo na comarca de Estarreja contra empregados da Capitania, clamando na camara que por ordem daquela se assaltara (sic) uma propriedade particular, sendo o assalto (sic) protegido por praças da Armada, pelo que o acto foi, como não podia deixar de ser, objecto da acção do poder judicial.

O ilustre deputado, tendo tropeçado em Salreu veio a estatelar-se na Bestida. Ou S. Ex.ª não tivesse, de olhos vendados, enveredado pelo sulco genial das altas concepções juridicas da suracitada *faculdade*... Quando já é velho e rêlho por todas estas terras que este processo dos juncos teve seguimento só por um atraso imprevisto de uma comunicação da Capitania ao digno agente do Ministerio Publico e depois por méro respeito ás formalidades legais, a fala do snr. dr. Brito Guimarães apenas produz a impressão de um badalar de sino irremediavelmente rachado.

Em resumo: na sessão de 10 de janeiro o snr. dr. Guimarães nada disse sobre tão importante problema, o que magoará especialmente o seu partido cuja fórmula judiciosa para o bom correr dos trabalhos parlamentares era *que só pedisse a palavra quem tivesse alguma coisa a dizer.*

Nós só lamentamos que o distincto professor nem de leve tocasse no muito que ha a dizer e a fazer numa região que é unica no paiz, e na qual se desenvolve atravez de tantas dificuldades, resistencias, e dispendios importantes, um problema de fomento dos mais interessantes e vastos.

Sua Ex.ª, que nas suas horas vagas é um literato de finas letras, decerto conhece o final daquela carta perene de subtil ironia, mais afinada do que a de Voltaire comentando os versos de Frederico II, que o cavalheiro de Oliveira dirigiu a certo fidalgo a proposito das produções literarias de sua lavra. «Porque não se entrega antes V. S.ª aos nobres e saudaveis prazeres da caça tão proprios da sua gerarquia?»

Mas o sr. dr. Guimarães é um espirito culto, acidentalmente transviado pelas já citadas *concepções juridicas*, precalço aliás explicavel pela natureza do meio politico regional, e assim, emquanto esperamos o resultado dos seus estudos sobre a ria de Aveiro, poderemos, em homenagem ás suas verdadeiras aptidões, dizer-lhe:

Porque se não interessa S. Ex.ª pela creação das Escolas de Pesca, condição essencial para o desenvolvimento das industrias da ria, uma vez que o Estado já assegura a ordem na sua exploração?

Porque se não interessa S. Ex.ª pela creação de um laboratorio hidrobiologico?

Porque se não interessa S. Ex.ª pelo desenvolvimento das instituições de previdencia já creadas e por outras a crear ainda, cuja função consiste em melhorar as condições de vida do proletariado maritimo?

A industria da pesca prospéra em Portugal. O estado em que se encontra é, em grande parte, o resultado da direcção técnica de uma classe, mais que nenhuma outra desafecta ás habilidades politicas, a dos oficiaes de marinha. Luctando com a ignorancia das classes maritimas, com o cacicado seu ignobil explorador, com todos os contratempos de uma politica desmoralisadora, em pouco mais de trinta anos, sobre as bases lançadas por Mousinho da Silveira, organisou uma legislação que tem dado os melhores resultados, cercando a alta direcção da industria de uma defeza de competencias que o sr. Brito Guimarães só poderá transpôr, apresentando as suas provas. E póde S. Ex.ª ficar cêrto de que será bem recebida a generosa contribuição do seu saber, quando as apresentar.

Films . . .

Infeliz poeta...

Corre que o deputado Jaime Cortezão está elaborando um trabalho que servirá de base a um projecto de lei que tenciona apresentar ao parlamento ainda nesta sessão legislativa e que tem por fim reformar todos os serviços publicos administrativos. Diz-se mais que a reforma, a efectuar-se, trará grande economia para o Estado, visto restringir sensivelmente os quadros do funcionalismo.

Não lhe queremos estar na péle —ao ilustre pae da Patria. Se tem a coragem de levar por deante o seu intento, hãode vêr—queimam-no vivo...

Tão certo...

O estado de sitio

Foi levantado no dia 12 em todo o territorio da Republica, pelo que entrámos em pléna normalidadd constitucional.

Que ela se prolongue e ao espirito de todos chegue o convencimento de que não é com constantes agitações que o regimen se hade consolidar e o país progredir, parece-nos que deve ser esse o desejo dos bons portugueses, dos sincéros republicanos, dos devotados patriotas.

Ou não?...

De arripiar

O snr. Ministro das Finanças, Afonso Costa, apresentou ao parlamento, faz hoje oito dias, os orçamentos, ordinario e da guerra, por onde se verifica que aquele acusa um *superavit* de 61:997$26 e este um *deficit* de 133 mil contos, numeros redondos.

Oxalá, ao menos, que o snr. Jaime Cortezão não desanime...

A CENSURA

—=(*)=—

Na sexta-feira ultima e por virtude dos córtes que a comissão de censura entendeu fazer na local da primeira pagina, que hoje reproduzimos, enviámos para Lisboa, devidamente registada, a seguinte carta:

Ex.mo Sr. Ministro do Interior

Na minha qualidade de director do semanário *O Democrata*, que em Aveiro se publica, sem interrupção, ha, 9 anos, venho expôr a V. Ex.ª o seguinte:

Na primeira pagina do aludido jornal e encimado com o titulo — *E mais censor!*—propunha-me dar hoje conhecimento aos seus leitores das novas atribuições conferidas ao cidadão Francisco Ferreira da Encarnação, com residencia nesta cidade, visto pelo *Diario do Govêrno* lhe terem sido tambem outorgados poderes de censor, cumulativamente com os cargos publicos que está exercendo — *amanuense do govêrno civil, secretário da Estatistica, administrador do concelho e comissario de policia* — e que lhe rendem pouco mais ou menos 900 escudos, devido á escandalosa politica de compadres inaugurada, sem rebuço, pelo mais forte partido da Republica.

Acontece, porêm, que essa inofensiva local acaba de ser acintosamente mutilada, como já teem sido outras, referentes ao mesmo assunto, a principiar pelo titulo, o que me leva a dirigir a V. Ex.ª o meu protesto contra os abusos que se estão cometendo, incompativeis com todos os principios de liberdade e que o meu espirito de republicano impenitente não aceita por estar fóra das normas de justiça que o mais elementar bom senso manda respeitar.

Depondo nas mãos de V. Ex.ª a prova do jornal antes de censurado e um exemplar do mesmo com os córtes a que o obrigaram, espero, confiante, nas providencias que venham a adoptar-se de fórma a evitar a repetição de casos identicos, contrarios a tudo que implica valor e prestigio para as instituições, como é certamente a fórma como se está exercendo a censura preventiva á imprensa na séde do distrito de Aveiro.

Aguardando, pois, a imediata intervenção de V. Ex.ª para o que acabo de dar-lhe resumido conhecimento, resta-me subscrever-me com subida consideração

De V. Ex.ª

At.º Venerador

Aveiro, 12 de Janeiro de 1917.

Arnaldo Ribeiro

Nada mais temos a acrescentar, pois que providencias foram já tomadas para que cessassem as furias que contra a imprensa se tinham desencabrestado por esse país fóra.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Central.*

CALENDARIOS

Pelo agente nesta cidade da companhia de seguros *Prosperidade*, sr. Baptista Moreira, uma das que gosam de melhor credito entre nós, recebemos dois calendarios de escritorio para 1917, que muito agradecemos.

Pela imprensa

—=(*)=—

"O Radical,,

Acaba de entrar no 7.º ano de existencia este nosso presado colléga de Oliveira de Azemeis que, com uma franquêsa digna de elogio, nos diz, em pequena local:

Ao entrar em novo ano não é —porque não dizê-lo? — sem mágua que vêmos o programa do partido, em que logo enfileirámos após a organisação de grupos partidarios, um tanto esquecido pelos dirigentes, e os principios politicos, em geral, postos de lado por uma fórma desalentadora e dissolvente.

Sem duvida, nos conservaremos dentro do partido republicano portuguès, quando mais não fôsse pela admiração que temos pelo grande estadista dr. Afonso Costa. Mas não quer isso dizer que concordemos com a orientação que se está dando ao partido, e com alguns processos que dentro dele se teem adoptado.

Ao iniciarmos, pois, o setimo ano da publicação de *O Radical*, sinceramente desejamos que se mude de rumo, para não crescer o numero dos desiludidos e diminuirem as dedicações pela Republica.

O Radical tem como redactores os srs. dr. Amadeu Encarnação e Joaquim Nunes da Silva, a quem cumprimentâmos pelo desassombro e espontaneidade com que se apresentam a reconhecer uma verdade insofismavel.

= Devido ao sucessivo encarecimento do papel de impressão deixou de publicar-se semanalmente para só saír de quinze em quinze dias a folha local intitulada *O Progresso.*

ESCANDALO NA FORJA?

—=(*)=—

Frequenta a 7.ª classe de letras do liceu de Aveiro um filho do dono do canudo da Vera-Cruz, outr'ora o malidicente encartado contra todos os republicanos, cuja firma tem, como se sabe, por protector, em Lisboa, o deputado Barbosa de Magalhães, magnate do partido democratico e portanto em condições de conseguir tudo quanto sirva para beneficiar a familia.

Os nossos leitores teem ouvido falar nessa gente e por isso estão bem ao par do que é capaz quando se vê aflita ao atravessar os atalhos por onde sempre tem enveredado de preferencia a trilhar caminho direito.

Trata-se agora de mais um edificante caso: a apresentação ao secretario do liceu de Aveiro de uma caderneta ilegalmente preenchida e que não dando direito, sequer, ao exame a que foi submetido o aluno que nele deseja estudar, muito menos serve para o admitir no estabelecimento, a não ser que se torça a lei ou que o sr. Ministro da Instrução nos queira mimosear com mais uma prova da sua fraquêsa ante as solicitações que lhe fazem para que o rapaz seja matriculado mesmo *á trouche-moche!*

Vâmos a vêr. O snr. ministro consentiu já em que o *esperançoso estudante* pudesse frequentar as aulas com a condição, porêm, de apresentar a cadernêta escolar **dentro do praso de quinze dias e nos termos da lei.** Esse praso termina no dia 22. Logicamente, só depois dele expirado é que devia ser permitido ao interessado entrar se porventura tivesse legalisada a sua situação. Não aconteceu assim e por isso resta-nos esperar pelo fim que se nos antolha surpreendente e bélo...

Não falta muito.

Espectaculo

—=(*)=—

Não nos refeririamos certamente ao que na ultima sexta-feira teve logar em beneficio da Cruzada das Mulheres Portuguêsas, se a abrilhantá-lo com a sua palavra fluente e colorida deixasse de lhe dar esse prometido concurso, o talentoso professor do nosso liceu, snr. Agostinho de Souza. Assim, teremos de dizer em abono da verdade, que, de tudo, só se aproveitou a magistral conferencia deste, deveras sugestiva, atraente, empolgante, unica coisa que fez vibrar a assistencia de entusiasmo, que a aqueceu, que a fez estremecer de patriotismo, tal o relêvo que o orador pôz no desenvolvimento do têma—a *Dôr*—merecidamente e por largo espaço cobertodo do mais franco aplauso, das mais comunicativas aclamações. E' que Agostinho de Souza tinha falado ao coração de todos com arte, com sentimento, com elegancia. Pena temos de o não podermos acompanhar na sua dissertação para nestas colunas deixarmos gravada integralmente a peça oratoria, que para ele representa mais um triunfo e para nós uma grande lição, digna por todos os titulos de arquivo na alma de todos os portuguêses. Como, porêm, isso se tornasse impossivel, deligenciaremos um pálido reflexo do trabalho do erudito professor, da bôca de quem saíram expontaneas e burilados as seguintes dulcissimas palavras:

Que convidado e instado para pronunciar algumas palavras naquele logar, fazia-o com um mixto de prazer e sentimento, não sem primeiro agradecer a todos o benevolo acolhimento que lhe acabavam de dispensar. Prazer por vêr que todo o homem bem formado deve juntar o seu auxilio, por mais modesto que seja, ás grandes obras que honram a humanidade, e sentimento por não possuir dotes que em outro orador inspirariam o mais belo dos quadros em que se exalçasse o merito dessa festa, destinada e consagrada pela Cruzada das Mulheres Portuguêsas, á efectivação de um ideal altamente simpatico, profundamente humanitario e de todos sobejamente conhecido.

Que era grande a sua satisfação por encontrar na presença de toda a selecta assistencia uma prova eloquente de que o coração portuguès teve sempre alta cotação no oscilante mercado do sentimento humano, de que a caridade portuguêsa goza de uma reputação que transcende os estreitos limites do país, porque não cáe só no sólo portuguès para se apagar, mas que nele produz a combustão infalivel dos corações dispostos e preparados para se deixarem inflamar sob a acção comunicativa do bem.

Que a escolha dele para falar naquele logar, não condecorava propriamente o orador, que é pobre; mas que se honrava acidentalmente nele o fervor da sua crença de patriota, a que até hoje tem votado o melhor das suas faculdades de estudo e do carinho com que a tantas gerações de jovens, filhos de seu espirito, tem ensinado, ao par da sciencia árida dos livros, essa sciencia superior do coração que se chama o dever e a honra.

Entrando propriamente no assunto da sua conferencia, disse que todos os progressos, porisso que o são e emquanto o são, merecem ser aplaudidos, mas que quando o progresso não é sómente o da materia, nem mesmo o da luz que dardeja sobre a inteligencia, senão egualmente o do bem moral da humanidade que exerce a sua alta influencia sobre o cadastro tremendo de dôr, que razão havia para jubilosos alvoroços em todos os corações sensiveis. Que então se podia afirmar sem receio que a sociedade havia dado um passo, pois que cada pranto que se enxuga é uma ferida que se fecha como cada acule que se arranca ao espinheiro das nossas dôres é um hosana que surge aos nossos labios. Que não podia vêr com o olhar estoico o espectaculo dos sofrimentos e que queria crêr que

este sentimento estava longe de o singularisar, sobretudo perante essa desgraça cruenta que o instinto bravio da humanidade vai desenvolvendo de dia para dia nos campos dominados pela morte, sob chuvas de ferro e relampagos de canhões. Que a caridade não tinha passado indiferente, na sua ronda diurna e nocturna, perante essa desgraça, fundando associações e cruzadas que se não iluminam a ribalta para melhor se fazerem conhecer ou se não suspendem nos seus frontões as grinaldas espectaculosas do reclamo, que, todavia, iam aliviar o sofrimento dos que se batem por defender a sua Patria, os seus lares, a honra de suas mulheres, os direitos naturaes da justiça e os direitos eternos da humanidade.

Disse que todo o sangue derramado nos inspirava compaixão, mas mais ainda o dos espoliados, o dos que viram abrir ao fogo dos obuses, os cêrros pitorescos, onde tanto moinho vigilante noite e dia dava o pão a tanta aldeia e hostia a tanto altar e o tear caseiro, onde ao dôce serão, tecia a alva têa de onde saía o lençol do noivado e a mortalha da sepultura.

Referiu-se á crise de subsistencia e aos efeitos terriveis da guerra tristemente delineados, em toda a sua nudez crúa, em tantos desgraçados e famintos que vivem na incerteza do dia de ámanhã. Fez em frases repassadas do mais profundo sentimento e comoção, o sudario da dôr e apontou-a como o facho que esclarece nas almas as grandes verdades, o fulminante que provoca a explosão dos mais nobres sentimentos. Depois de se referir ainda á civilisação medieval e a todos os delirantos da monstruosa orgia latina que expoz um Deus á vindicta dos homens e á justiça dos céus, frisou lucidamente a civilisação, dos nossos dias como um contrasenso perante o Molock das ambições, das riquezas, da emulação e da violencia que tem tido os seus dias de triunfo, hoje como nunca os teve no decurso da historia humana.

Fez ainda uma comovente apologia, na sequencia das suas ideias, á dôr que engrandece desmesuradamente, perante a admiração do mundo, a Belgica, a França, a Gran-Bretanha, a Servia, o Montenegro, a Romenia e tantos outros redutos maximos da bravura humana, alcandorados nas mesmas azas fortes — velas enormes que arrebatam o mundo para as formas superiores de justiça. E sem perder o entusiasmo e o calôr da frase, altisona e arrebatante, o orador entrou a fazer a brilhante apologia da nossa Patria, evocando os dias da sua grandêsa que disse que em si encarnava toda a grendêsa dos seus heroes que hoje vão a caminho da Imortalidade e que até se remigiava até ás alturas imarcessiveis das glorias de um Deus, com a Princêsa santa.

Terminou o seu discurso por afirmar que a Patria Portuguêsa ia atravessar o momento soléne da sua vida, inspirando-se no ideal de uma Patria moral e materialmente engrandecida, para que um dia, que não virá longe, cada um dos portuguêses podesse dizer, perante a mesma Patria—como ele a dizia perante aquela assistencia—a oração fervorosa da sua fé e do seu proprio valor, simbolisada nesta quadra:

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu céu.
Brade a Europa á terra inteira
Portugal não pereceu.

A banda regimental remata com a *Portuguêsa*, que toda a assistencia ouve de pé, palmeando frenetica e ininterruptamente o orador. Foram momentos de incalculavel ardor patriotico, que muito nos apraz destacar, só lamentando que conferencias desta natureza se não possam repetir vezes a miúdo entre nós, como era tanto para desejar.

O sr. Agostinho de Souza durante a noite, no seu camarote e nos corredores do teatro, continuou recebendo efusivas felicitações de quantos apreciaram a sua excelente oração.

Bombeiros Voluntarios

Esta corporação, uma das mais simpaticas de Aveiro, deve tomar conta no proximo dia 28 das suas novas instalações da Rua da Revolução, preparando para esse dia, que coincide com o aniversario da sua fundação, luzida festa para a qual vão ser distribuidos largos convites.

Do programa faz parte um exercicio geral que deve dispertar interesse devido aos trabalhos dificeis que alguns dos briosos rapazes se propõem executar.

Promoção

Só agora soubémos ter sido promovido a capitão, o nosso amigo e distinto oficial de infanteria, sr. Gaspar Ferreira, que acaba de ser colocado no estado maior do regimento 15, com séde em Tomar.

Felicitando-o, esperamos o ensejo de lhe significarmos com um jubiloso abraço quanto nos apraz vê-lo ascender aos mais altos postos do exercito em que tanto se distingue pela sua inteligência e saber.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Notas mundanas

Veio passar alguns dias na sua casa de Requeixo com sua familia o conceituado ourives estabelecido em Valença, sr. Manuel Dias dos Santos.

✠ *Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade onde tem um filho a educar no Colegio Aveirense, o snr. Manuel de Pinho Guerra.*

✠ *Teem-se acentuado ultimamente as melhoras do sr. dr. Eduardo Moura, que esta semana recebeu a visita de seu cunhado, sr. João de Oliveira Frade, professor em Fafe.*

✠ *Fez anos a sr.ª D. Regina Miranda, prendada filha do nosso amigo sr. João Pinto de Miranda.*

Os nossos respeitosos cumprimentos.

✠ *Retira em bréve para Santarem onde foi colocado a pedido seu, o sr. Teixeira Botelho, que durante alguns anos desempenhou neste distrito o espinhoso cargo de tesoureiro pagador do ministério do Fomento, adquirindo simpatias.*

✠ *Têve o seu bom sucésso, dando á luz um robusto menino, a esposa do capitão da Administração militar, sr. Canelhas, a quem felicitâmos.*

✠ *Adoeceu na Guarda para onde tinha partido a tomar posse do cargo a que, por distinção, ascendeu como empregado do Banco de Portugal, o nosso estimavel amigo e conterraneo, sr. Manuel de Figueiredo Prat.*

Regressou a esta cidade em companhia de seus estremosos paes.

Desejâmos ardentemente as suas melhoras.

Dr. José Rodrigues Soares

O funeral do ilustre professor reveste desusada imponencia

—(*)—

A noticia da morte do antigo professor do nosso liceu, na tarde do dia 11, espalhada rapidamente na cidade, fez convergir á residencia do extinto inumeras pessoas de todas as classes sociais, que, em sentidas palavras de conforto, iam apresentando aos doridos as suas condolencias, compartilhando do intimo desgosto que os acabava de ferir. No entretanto faziam-se os preparativos e o corpo do que em vida havia sido o prototipo dos chefes de familia, marido exemplar e pai amantissimo, saía á noite para a próxima igreja da Apresentação, revestida de crepes, onde ficou até ao dia seguinte, velado por pessoas intimas e outras que essa homenagem quizeram prestar ao Mestre, ao amigo, colega, ao conterraneo, emfim.

Pelas 16 horas de sexta-feira, pois, o saimento funebre, ao qual acorreram e aos oficios que antes foram celebrados, centenares de individuos que por completo enchiam o templo o quasi o grande largo fronteiro. Ali vimos entre a compacta multidão os snrs. governador civil, dr. Juiz de Direito, dr. Delegado, comandante militar e grande numero de oficiais e sargentos dos dois corpos da guarnição, reitor e professores do liceu, directores da Escola Normal, Colegio Aveirense e Asilo-Escola, Inspector Escolar, Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal, Juiz Auditor, etc., etc.

O cortejo pôz-se em marcha pela seguinte ordem: Academia com o seu estandarte envolto em crépes; Bombeiros Voluntarios e banda de musica; Delegação da Cruz Vermelha; Asilo e escolas primarias; Colegio Aveirense e alunos da Escola Normal; féretro, conduzido na carrêta da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes e coberto com a bandeira nacional do liceu; reitor com a chave e ladeado por todos os seus colégas no professorado; academicos com as corôas; representantes das associações locaes; comercio e industria; advogados, oficiaes de justiça e por fim toda a guarnição militar da cidade, que fechava o extenso prestito, dando-lhe uma imponencia fóra do vulgar, como poucas vezes se ha presenciado em identicas homenagens funebres.

Durante o trajecto, feito pela Rua de José Estevam e entre alas de povo até ao cemiterio, tomámos nota de

OS TURNOS

assim organisados:

1.º

Constituido pelos colégas do extinto: Dr. Eduardo Silva, padre Rodrigues Vieira, Antonio do Rosario Marques, Joaquim Pereira Tavares, Agostinho de Souza e José Antonio da Silva.

2.º

Capitão Barão de Cadoro (Carlos), tenente Oliveira Marrecas, capitão Vieira da Rocha, alferes Luiz Dias, alferes Fernão Couceiro, alferes Mascarenhas Piedade e Manuel Marques da Silva.

3.º

Dr. Eugenio Ribeiro, Dr. José da Gama Regalão, Dr. Adriano Amorim, S. Magalhães, Francisco Regala, Domingos Leite e Dr. José Ornelas Regalão.

4.º

Pelos academicos Arnaldo Carvalho, Marques da Costa, filho, Lopes de Andrade, Horacio Seabra, José Moraes, Manuel Marcelino Junior, Humberto Corrêa e Manuel Roldão.

5.º

Bernardo Torres, João Leitão, Dr. Martins Mansò, Marques Gomes, Luiz Cunha, Albino Miranda e Duarte de Melo.

6.º

Capitão Mario Gamelas, capitão Antonio Machado, capitão Joaquim Geraldes, major Rosa Martins, coronel José Domingues Peres, capitão Marques da Naia, capitão Belmiro Duarte Silva e capitão Raul Peres.

7.º

José Casimiro da Silva, Rodrigues Pepino, D. Maria da Piedade de Serrão, directora da secção feminina do Asilo-Escola, Jeremias Lebre, Firmino Fernandes, 2.º comandante dos Bombeiros Voluntarios, D. Maria de La-Saléte Ferreira da Maia, Miguel Santiago e José Maria dos Santos Victor, pela Banda dos Bombeiros Voluntarios.

8.º

Dr. André dos Reis, Domingos Cerqueira, Pompeu da Costa Pereira, Domingos dos Reis, F. Encarnação, Alexandre Ferreira da Cunha, padre Antonio Encarnação e Antonio Enes da Silva Granjo.

9.º

Pelos sargentos Carlos Rodolfo Gavazzi, Leonardo Campos de Almeida, Antonio Simões de Paiva, Antonio Matos, Antonio Gonçalves da Silva, Antonio de Almeida Garcia e Souza s Augusto Marçal.

10.º

Elias Gamelas, Francisco Freire, Dr. Joaquim Peixinho e Arnaldo Ribeiro.

AS COROAS

Sobre o ataúde, que encerrava os restos mortaes do professor José Soares, foram depostas as quatro corôas que passâmos a descrever:

De violêtas, rosas chá, bogonias e miosotis, com a dedicatoria em largas fitas de sêda rôcha—*O corpo docente do Liceu Central de Aveiro em homenagem ao seu chorado colega, dr. José Rodrigues Soares. 11-1.º-1917.*

De violêtas, fuxias, rosas chá, miosotis e crisantemos — *Ao seu malogrado professor, dr. José Rodrigues Soares, um grupo de alunos e alunas da 4.ª classe. 11-1.º-1917.*

De violêtas, martirios e rosas chá—*Homenagem do Colegio Aveirense. 11-1-1917.*

De violêtas, rosas chá, glicinias, suspiros e uma palma ao centro—*A' memoria do seu inolvidavel professor, dr. José Rodrigues Soares, a Academia Aveirense. 12-1-1917.*

DISCURSOS

Chegada a carrêta com o corpo do extinto junto do monumento levantado aos liberais aveirenses que perderam a vida, no Porto, em 1829, o sr. dr. Alvaro de Moura, ainda mal refeito dum impertinente incomodo que o reteve em casa alguns dias, exclama, erguendo-se acima dos degraus do memorioso tumulo:

Meus senhores:

Poucas palavras para nos despedirmos do colega e amigo querido de 36 anos, dizendo-lhe o supremo adeus em nome da corporação discente e docente que tanto ilustrou e honrou em tão largo ciclo.

Não é esta a oportunidade de tecer-lhe o elogio, e que o fôsse, perante um corpo ainda mal frio,

com a comoção a prender-nos, com a saudade a pungir-nos amargamente, nada poderiamos dizer que traduzisse com serenidade, fidelidade e justiça o esplendor dessa vida sem mácula que constituiu, sempre, neste meio, um edificante e perfumado exemplo.

Consagrando, exclusivamente á familia e ao magisterio, verdadeira, constante e entranhada devoção; dividindo consciente e metodicamente pelas duas toda a sua simpatia e actividade, o dr. José Rodrigues Soares foi sempre um professor modelar, um amigo dedicado da instrução, que soube com critério inexcedivel, conciliar e rigor da disciplina com a familiaridade; harmonisar a rigidez da justiça com a bondade; tornar o estudo atraente e facil, atraindo, com tão distintas qualidades, a estima de todos os seus colegas e discipulos e deixando das suas funções a mais honrosa tradição.

Da sua mentalidade, da sua cultura, do seu valor moral homens ilustres, saídos de 36 gerações, que educou, dirão... e dizem melhor do que eu.

Deixa um grande vácuo na corporação que teve a honra de o contar no seu grémio e na terra que adoptou para patria e que algumas vezes o distinguiu com o mandato administrativo; e deixa sobre tudo, uma perene saudade no nosso coração, porque laços de carinhoso afecto que nunca o sangue tornou mais sólidos e mais suaves, nos prendiam como irmãos.

O luto, que a morte do ilustre professor leva ao coração da sua estremosa esposa e queridos filhos, abrange, tambem, largamente a sua segunda familia—a familia liceal—á qual, com zelo, abnegação, inteligencia e carinho notaveis, consagrou mais de metade da sua existencia.

Que descance em paz, no amargurado silencio dos tumulos, o venerando e prestante cidadão, o brilhante professor, o colega e amigo queridissimo.

Por sua vez, outro colêga do pranteado morto, sr. Agostinho de Souza, diz:

Que a palavra humana, á beira duma sepultura, tinha o subido privilegio de recolher a lição que de um tumulo glorioso sóbe para o ambiente social contemporaneo; que este anos da sua leal camaradagem, davam-lhe jús a afirmar naquele logar que nunca os privilegios de seu espirito, generoso e bom, envaideceram o dr. Soares; que foi acima de tudo ser um homem honrado, profundamente verdadeiro e leal, preferindo sempre a paz da sua modestia, ás grandezas que muitos alcançam perdendo a consideração publica; que, como professor do Liceu, não deixou a ninguem tocar na arca santa das imunidades da sua escola e que se revelou pelo seu tino altamente educativo e profundamente disciplinador; que o exemplo da sua vida, notavel desde a escola em que aprendeu até á escola em que ensinou, permanecerá como força inexgotavel, para animar a todos na senda do dever e da honra; que considerava aqueles funeraes imponentissimos, como nupcias sacrosantas do seu espirito imortal com o da geração moderna, para que esta terra de Aveiro se prolifere em obras de verdadeira educação progressiva, de verdadeiro progresso educativo.

E depois de se referir, sempre em frases de eloquente relevo ás elevadas virtudes intelectuais e morais do dr. Soares, concluiu assim:

Senhores: Vêde que é bem diversa a glorificação de um homem, julgado pelos seus pares da apo-

teóse das ruas feita por gente mercenaria e inconsciente.

Gloria ao homem de trabalho, gloria ao homem de sciencia que vem descansar aqui o seu sono de Eternidade, legando aos vivos um exemplo salutar e digno.

E assim terminou a sentida homenagem póde-se dizer que pela cidade inteira ao professor e amigo de tantas gerações academicas como foi o dr. José Rodrigues Soares.

Que descance em paz.

* *

Ao fim do terceiro dia e por expressa determinação do finado, foram celebradas exequias por sua alma na mesma igreja da Apresentação, tendo-se encarregado, assim como do enterro, de a ornamentar para esse fim o considerado armador snr. José Carvalho Branco.

* * *

Em nome de sua mãe, foi, pelo nosso amigo sr. dr. José Maria Soares, enviado a cada secção do Asilo-Escola Distrital uma nota de 10 escudos destinada a auxiliar, á escolha dos respectivos directores, qualquer internado que frequente o liceu desta cidade, onde o pranteado professor empregou o melhor do seu esforço, da sua dedicação e da sua vida.

Muito louvavel a lembrança da familia Soares.

Sociedade Recreio Artistico

Eis a lista dos corpos gerentes ultimamente eleitos:

Assembleia geral

Presidente, Maximo Henriques de Oliveira; *Vice-presidente*, Joaquim Ferreira Felix; *1.º secretario*, José Nunes Ferreira Ramos; 2.º *dito*, Eliziario Dias Moreira.

Conselho fiscal

José Lopes do Casal Moreira, Alfredo Esteves Ferreira e Ricardo Mendes da Costa.

Direcção

Presidente, Albino Pinto de Miranda; *Vice-presidente*, Firmino Fernandes; *Tesoureiro*, José Almeida dos Reis; *1.º secretario*, Francisco do Nascimento; 2.º *dito*, Luiz dos Santos Vaz; *Vogaes*, Julio Rodrigues da Silva, José Maria da Costa Junior, João Campos da Silva Salgueiro e Albano da Costa Pereira.

NAUFRAGIO

Na manhã do domingo ultimo, pelas 7 horas, naufragou ao norte da barra desta cidade, a traineira *Alice*, pertencente á praça do Porto, da qual era proprietaria uma sociedade em que participava o proprio mestre do barco, José de Pinho Faustino, que foi salvo assim como o resto da tripulação composta de 22 homens.

Ocasionou o desastre uma avaria na bussola e o densissimo nevoeiro que durante a noute e parte do dia envolveu a nossa costa.

A traineira, que está completamente perdida, estava segura na companhia *Atlantica* por 13:500 escudos.

A equipagem seguiu ante-ontem para o Porto, depois de ter lavrado o respectivo protesto na Capitania de Aveiro.

CORRESPONDENCIAS

Pardelhas, 13

Abundancia de peixe

Na praça de Pardelhas, o arraes Manuel Maria Rezende, desta localidade, que saíu para a pesca no Moranzel, com a rêde de *garatea*, na tarde de ontem, vendeu hoje de manhã, aqui, tainhas tão grandes ou tão pequenas que lhe renderam a bagatela de 25$60.

E digam lá agora nas boticas, nos papeluchos e ainda no Parlamento, que o Regulamento da Ria não presta, e é a lei da fome.

Fome teem esses mas é de arrebanhar propriedade á custa do dominio publico e de arranjar votos e influencia politica.

Olhem este, que de antes mal ganhava uns magros vintens, fiçando toda a semana, e já se bate com um quarteirão de escudos só numa noite!

E como o arraes Rezende quantos e quantos outros!

Bem respondeu o sr. Ministro da Marinha ao deputado unionista Brito Guimarães que reclamações concretas contra o Regulamento ainda nenhuma apareceu e que por a Capitania cumprir com zêlo as suas atribuições é que S. Ex.ª o capitão do porto não agrada a muitos.

E' certo; não agradará aos pescadores de aguas turvas, mas agrada, sem duvida, ao arraes Rezende e aos vardadeiros pescadores que sabem da arte e não teem outro modo de vida, sendo estes os que as leis devem e teem que proteger.

Que lhes dôa—a Republica faz o que a monarquia nunca foi capaz de fazer.

C.

Alquerubim, 17

Ontem, na festa dos Santos Martires, em Travassô, foi agarrado em flagrante um gatuno que estava a tirar uma corrente douro e relogio a um individuo.

Depois de preso, juntou-se grande porção de povo que, em altos gritos, pedia para fazer justiça por suas mãos, sendo preciso fechar o ex.^mo gatuno numa casa, até o levarem para a cadeia de Agueda. Sendo revistado foram-lhe encontradas algumas correntes douro metidas nos canos das botas. Era um sujeito vestido decentemente, parecendo mais um visconde do que um gatuno.

Pertence á companhia dos da *Vermelhinha*, que devia ser detida á chegada a estes arraiais concorridos, onde fazem a sua colheita.

— Foi nomeado administrador do concelho de Agueda, tomando ontem posse, o snr. Augusto Santiago, de Segadães.

Como nosso amigo, felicitamo-lo por tal motivo.

C.

Anuncios

EDITAL

ANTONIO FELIZARDO, segundo aspirante da Alfandega do Porto e chefe do posto de despacho de primeira classe em Aveiro, etc.

FAÇO saber que tendo o mar arrojado á praia na area do posto fiscal da Torreira, uma rêde *Cerco Americano* incompleta, faltando-lhe todo o cordeame, cortiça e chumbo, no valôr presumivel de cem escudos (100$00); são convidados todos os que se julgarem com direito ao referido arrojo a virem reclama-lo no praso de oito dias a contar da data da publicação deste edital, findo o qual se procederá nos termos da lei.

E para constar se passou o presente e outros de egual teor que vae ser afixado nos logares publicos e do costume.

Posto de despacho de 1.ª classe em Aveiro, 18 de Janeiro de 1917.

O Chefe,

(a) **Antonio Felizardo**

RIFA

Foi efectuada no dia 10 a rifa da bicicleta do sr. Nogueira Calado, sendo premiado o 108 que pertencia ao sr. Manuel da Costa Ferreira da Gafanha.

Emprestimo sobre penhores

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores, de João Mendes da Costa, na rua da Revolução, afim de reformarem os seus contractos dentro do praso dum mez, findo este praso proceder-se-á á venda dos mesmos.

Aveiro, 16 de Janeiro de 1917.

O mutuante,

João M. da Costa